

**N: 08**

# Lux Frágil

Mensal Gratuito  
Maio 2009

[blog.luxfragil.com](http://blog.luxfragil.com)

LUX<sup>FRÁGIL</sup>

a nossa vida é toda para diante.



**achas que me conheces bem?**

# Filologia Livre da Pop do meu poluído imaginário

*sr. peppas (arquivista de generalidades)*

# DAFT PUNK

**Around the World, 1997**

<b>Thomas Bangalter</b> <p><b>Guy-Manuel de Homem-Christo</b></p>
<i><b>Aviso</b></i> <p><i>Esta coluna dedica-se à análise de grandes letras da história da pop, desrespeitando deliberadamente quaisquer direitos (ou in-tenções) do autor.</i></p>
<p>Em 1968, por altura do meu terceiro aniversário, a minha mãe decidiu presente-ar-me a mim e ao meu irmão com uma viagem a Paris argumentando que seria não só um bom tempo que passávamos juntos como uma "boa experiência de terreno", o que só compreendi anos depois, vendo fotografias da "famosa noite das barricadas".</p> <p>Acabámos a noite em casa de um seu antigo namorado, um português que tinha sido o mais jovem agente da resistência francesa no tempo da guerra, de seu apeli-do Homem-de-Cristo.</p> <p>Guy estava ainda longe de nascer, mas lembro-me do seu irmão e de o meu irmão me contar que andava com ele a</p>

# Caralivro

*Hugo Gonçalves*

***Se o título deste artigo fosse facebook conseguiria muito mais leitores – o que só prova que as redes sociais de internet já fazem parte do dia. E da noite. Nada disto é científico, claro. Muito menos este texto (mesmo que diga a verdade).***

O facebook permite-nos ser glamorosamente interessantes mesmo que estejamos em casa de cuecas, ou no escritório, enquanto esperamos uma reunião com pessoas que não lavam o cabelo com a devida frequência. No escritório, estamos debaixo de luzes fluorescentes, agoniados pelo bolo alimentar do colega que mastiga a sandes de carne assada. Mas abrimos o facebook e, de repente, estamos noutro lado, onde podemos partilhar um vídeo de Dean Martin a cantar "Sway", e recriar um sentimento de copo de whisky na mão, smoking com o laço maltratado e a possibilidade de um romance que dure até de manhã. Não estamos sozinhos: somos generosos ao ponto de partilhar a banda so-

nora do nosso dia com os duzentos amigos da nossa rede social de internet. Também eles, ainda que por dois minutos, estão com vontade de deslizar pelo chão e cantar: "When marimbas rhythms start to play dance with me, make me sway".

Para a maioria das pessoas a vida é como o Fernando: umas vezes a pé, outras vezes andando. Ou seja, aborrecida e con-formada. Condição que se agrava se tivermos em conta que a maioria das pessoas não faz o que gosta: seja lamber envelopes ou usar máquinas de calcular para fechar balanços.

Como dizia Tom Wolfe: "A realidade é um bom sítio para visitar mas eu não vive-ria lá". Claro que Wolfe se referia à reali-

Com a queda do pós-modernismo nas fendas da crise, surgem agora os alter-modernistas com a tentativa de usurpar a paternidade de uma ideologia que foi forjada nos corredores do liceu de Paris onde estudavam. Mas mais uma vez, os Profissionais da Classificação dos Tempos equivocaram-se.

Nem pós-modernistas, nem alter-modernistas, Thomas e tt-Manuel são Desmodernistas – tão modernos, tão mo-dernos que recusam a própria concepção de modernidade dado que ela não tem tempo para existir segundo a sua configura-ção espaço-tempo-vontade.

É aqui que relativizam Einstein ao acrescentar ao conceito do tempo e do espaço o elemento da ideia e da vontade. Ou seja, o tempo e o espaço deixam de ser unicamente influenciados pela gravidade e passam a ser essencialmente influenciados pela vontade e pela certeza absoluta que ninguém determina a verdadeira razão por que algo é feito.

Vontade é a palavra síntese de uma estrutura de significação profunda que determina a natureza do Desmodernismo, e que se pode resumir em: se eu não tiver vontade, não faço. E se fizer não vai sair bem.

E desenganem-se aqueles que vêem aqui o fantasma de Schopenhauer. Enquanto que para ele a vontade habita fora do espaço-tempo, para os Daft Punk não existe sequer espaço-tempo.

Portanto, podemos concluir que não sendo uma conspiração objectiva, "Around the World" não é um exercício hedonista de homenagem a uma geração que dorme no sofá porque não conseguiu chegar ao quarto.

É um manifesto artístico, uma nova utopia que obviamente se serve das suas próprias regras para construir o seu dis-curso.

Se nunca há tempo nem espaço para

lá do que exigido pela vontade, a síntese tem que ser imediata e sensorial e o conteúdo é aparentemente subjugado à forma.

E digo aparentemente, porque "Around the World" ao invés de uma não frase, apresenta-se como um dos mais obscuros exemplos de encriptação da actualidade.

Deixo-vos com a letra e a sua desen-criptação na esperança que o mundo deixe de subestimar as contribuições da música pop para o futuro funcionamento do uni-verso.

*Around the world, around the world*
*Around the world, around the world*
*Around the world, around the world*
*Around the world, around the world*
*(x 144)*

**All that happens is art**
**Revolutions are not**
**Open your arms if you're sleepy**
**Undress yourself if it's hot**
**Never listen to a serious man**
**Don't be afraid of the dark**

*Take me to your private parts*
*Honour your fading memory*
*Enlight your day with irony*

*Wander in space, gps is no good*
**Opress time with your thirst**
**Release your will to the lions**
**Live each day as if it was the first**
**Don't mind if you're not understood**

dade de lamber envelopes enquanto se vê telenovelas.

O facebook não tem as qualidades ri-sonhas do Prozac, mas parece-me ser um estímulo para que as pessoas ponham a cabeça a funcionar (um bocadinho mais).

No facebook recuperou-se esse espí-rito de competição e vaidade (tudo coisas boas, já vão perceber) que tínhamos nas salas de aula – queremos ser engraçados, interessantes, atraentes. Queremos acredi-tar que temos alguma coisa para partilhar e que as nossas ideias ou gostos irão tocar os outros, melhorar-lhes o dia durante uns segundos.

O facebook faz-nos mais interessados e mais generosos – seja a partilha de uma notícia do Jakarta Post, uma petição para que os bares do Bairro Alto fechem depois das duas, uma canção da Lykke Li (desco-bri-a no facebook através de uma amiga) ou uma frase do John Updike (esta usei-a eu): "Somos seres criadores, potentes e plás-ticos, o mundo na nossas mãos. Estamos a brincar com dinamite." Ou outra, menos literariamente pretenciosa, de uma amiga, que melhorou a qualidade cómica do meu dia: "Tenho dois grandalhões a montar-me um armário em casa e estou razoavelmen-te agradada com a circunstância".

O facebook é o liceu, o bairro, a rua. O princípio é o mesmo: dar e receber infor-mação e querer que os outros gostem de nós e do que temos para dizer. Trata-se da mesma alegria que sentíamos ao partilhar um disco novo, no recreio, ou o mesmo desassossego se conversávamos com a miúda de aparelho nos dentes que, embora de açaime metálico temporário, continuava a dar cartas no campeonato de beleza do liceu. O facebook são os humanos a serem humanos.

Mas quando os humanos são huma-nos também mandam para a prisão quem afirma que a terra é que dá voltas ao sol. E é por isso que há uma certa sobrançeria em relação ao facebook. Uma desconfiança – a mesma desconfiança que o meu pai tem em utilizar o multibanco; a mesma descon-fiança que as pessoas da alta cultura (lol) têm quando olham para tudo o que esteja abaixo de Brecht e dos romancistas russos; a mesma desconfiança que se tem com as coisas novas que nos afectam a vida mas que ainda não conseguimos compreender muito bem.

E se houve gente que se assustou com moda da Bota Botilde, dos Tamagotchis ou das camisas de cornucópias, é normal que se assuste com o facebook. Porque, como

# Quimpostor

*Quim Albergaria*

*Vou-vos dizer a verdade: EU MINTO.*

*Os mortos não contam estórias, são as estórias que nos mantêm vivos. O whisky ajuda, empurra, mas são as estórias que levantam. Tenho de me deixar de preocupar com a História e participar todo inteiro nas minhas estórias. O meu sítio é agora e aqui.*

Verdade verdadinha, nasci para ser um pateta eloquente. Isto, isto tudo é res-piração boca-a-boca à distância e visto da-qui parece que nos estamos a beijar. Há os Românticos, os Novos Românticos, e agora o Outro Romântico. Sim, quero ser o vosso Outro, aquele que não assumem a ninguém que gostam, mas que secretamente vos faz borboletas no estômago e não vos deixa focar porque de repente estão demasiado vivos. Sabem como as avós passam dias a cozinhar só para ver o prazer que temos a comer? Eu é tipo isso, só que em pastiche libertino de referências culturais e ideias com o coração ao alto, com o coração aos berros, só para vos ver a sorrir e fazer-vos sentir menos sozinhos. Sou a *power balad* daquela festa de *slows* que cada vez que a ouvem na M80, voltam a pensar “porque é que não a/o beijeji?”.

Mas agora, calma. Tu, desliga e des-

## Deixem o coração falar mas é, porque é das opiniões e não das certezas que vem o esclarecimento.

## Tenho amigos de carne e ossos lindos que me abraçam, saio para a rua (mais até do que devia), conheço pessoas novas sem precisar de as adicionar no facebook.

quase tudo na vida, o facebook também traz consigo lixo (se eu quisesse responder a questionários sobre qual é a minha cor preferida tinha ficado no infantário). O fa-cebook é como as drogas: a sua natureza é boa ou má consoante a utilização que faze-mos delas. Beatles = drogas = Penny Lane. Nicole Anne Smith = drogas = suicídio. Há quem passe dias na palheta no facebook deixando a produção do país na agonia dos calinas. Há quem tenha a capacidade para esgalhar um bom comentário em menos de cinco segundos e continuar com a sua vida. Eu tenho a sorte de ter amigos que dizem coisas de jeito, capazes de fabricar maravilhosos pensamentos incomuns so-bre coisas comuns. Se há pessoas com amigos *facebookianos* que escrevem com a mão esmagadora das coisas chatas e vul-gares, o problema não é meu.

Neste texto falo apenas do aspecto criativo e entretido do facebook, porque esta rede pode ser utilizada para trabalho, para consciencialização social e prova-velmente para muitas outras coisas que

valham a pena – como prova a campanha eleitoral de Barack Obama. Mas isso é uma história mais séria. Prefiro dizer que me divirto e que produzo no facebook. Uso-o como laboratório para outras coisas que escrevo. Invento frases. Exploro ideias. Descubro livros, música, notícias, o senti-do de humor dos meus amigos.

Nunca falhei um compromisso de tra-balho por causa do facebook. Nunca con-fundi o mundo real com as janelinhas de chat. Tenho amigos de carne e ossos lindos que me abraçam, saio para a rua (mais até do que devia), conheço pessoas novas (ao vivo) sem precisar de as adicionar no fa-cebook. Continuo, imagine-se, a ler coisas em papel, a praticar relações de cama e a observar as pessoas na Praça do Rossio. O facebook ainda não me comeu as entra-nhas do crânio nem fez de mim um robot ao serviço da vulgaridade.

O facebook é, afinal, como as sextas de quinze minutos aconselhadas pelos mé-dicos. Fazem-nos bem, ajudam a revigori-zar o corpo e potencializam a criatividade.

quanto uma estória é o que eu quiser dizer. Mais uma vez, dêem-me estórias, não me venham com a História.

As estórias imitam as pessoas, sabe-mos isto há muito tempo e mesmo assim emocionamo-nos mais com filmes e livros e músicas. Uma estória é uma vida me-diada, muito mais fácil de lidar e compre-ender, como uma conversa difícil tida via Messenger. Onde estou a tentar chegar, a pergunta que quero fazer é – porque é que esperamos que as estórias nos inspi-rem se somos nós que inspiramos as estó-rias? A vida batia-vos mais se dissesse que era “baseada numa história real”?

As estórias e a História não existem sem ti. São as escolhas que fazes que ga-rantem, ou não, que a tua estória seja re-contada. Faz o que tens que fazer, mas fá-lo espectacular (eheheh eu disse “falo es-pectacular”). Adorava ser inspirado todos os dias à porta de casa ou no autocarro, ou na fila para entregar o IRS.

A vida não te acontece – tu aconte-ces e a vida é a estória que resulta de ti. A estória recomeça todas as manhãs quan-do, mais uma vez, te vês pela primeira vez e perguntas “O quêqueres?” (o que tam-bém podia ser o nome do quiosque só de queques e bolos de arroz que a Catarina Portas acabou de abrir).

Vale a pena seres a estória que querias ouvir? Vale. O que nos mantém vivos, dá-nos coragem e o que não nos dá coragem, mata-nos devagarinho. Quando deixarmos de querer ser e fazer e ouvir as estórias, então está na hora de despir este corpo e deixar os vivos com as suas estórias, por-que já não temos nada para contar.

p.s. Caros Historiadores, não me importo que declarem este texto como o nascimento do Outro Romantismo a.k.a. Opinião Coração a.k.a. Eloquente Patetismo.

## HISTÓRIA DAS PALAVRAS TROCADA POR MIÚDOS

*Por Bacharel Paiva Boléo*

A ideia de descoberta é o “D” do ADN português, ao mesmo tempo essência e maldição da nossa identidade. Camões incitou o rei nublado a partir e Pessoa falhou nas previsões meteorológicas para o regresso. Multíssimo obrigado por eternizarem a espera, mas esqueçam, não vem ninguém, nem o Sebastião nem o Tom Cruise aos comandos de uma nave. E os monstros que nos poderiam amedrontar e empurrar para a frente, já todos petrificaram. Se a humanidade nos esqueceu, resta-nos a mundanidade. Vamos descobrir quem está na outra ponta do bar, do outro lado de um SMS ou na extremidade de uma hipótese.

**Palavra convidada – “descobrir”**. “Des-” é o prefixo, negação e confirmação da intensidade de “cobrir”. Descobrir é o oposto de cobrir. Descobrir é o processo, cobrir é o acto. Descobrir é o caminho, cobrir é o pelourinho. Descobrir é a batalha, cobrir é a medalha. Descobrir é a imaginação a preencher os buracos daquilo que desconhece, cobrir é preencher na realidade os buracos que se conhece. **Cena 1 - *Boy meets girl***, conversa puxa traveseiro, um passeio pela Sintra romântica, enrolam-se devagarinho, sem quebrar a massa, até que a primeira trinca leva à segunda, tudo se precipita e segundos mais tarde, já não há nada para descobrir, a não ser a próxima descoberta. Kundera chama–lhe o culto do orgasmo: “eficácia contra a ociosidade; a redução do coito a um obstáculo que se deve ultrapassar o mais depressa possível para se chegar a uma explosão extática, único verdadeiro alvo do amor e do universo.” Ok, ok, é preciso ter cuidado para a conversa não cair no limbo do clube dos poetas mortos-vivos, ou pior, ganhar um tom de Sociedade Protectora dos Assexuados. A questão, afinal, é só uma: lentidão. Não se trata de cancelar os orgasmos, mas sim de adiá-los até serem insuportavelmente fantásticos. O que, dependendo dos *boys* e das *girls*, tanto pode durar um pequeno passo como uma ida à lua. Deambular em vez de perseguir, perguntar em vez de responder, saborear em vez de sorver, s-o-l-e-t-r-a-r em vez de disparar. A caçada, enquanto processo, é mais interessante que meter uma bala no meio da cabeça da presa e pendurá-la, morta, à cintura. Sim, tem tudo a ver com pequenas (grandes) mortes. Porque é que Casablanca é o epíteto da história de amor? Porque “Teremos sempre Paris” é uma hipótese cristalizada no tempo, intocável e por isso imortal. Aqueles que se libertam do futuro, da meta e da espera, já não correm, deambulam e a cada passo inventam o caminho. E então, do outro lado do bar, de um SMS ou de uma hipótese, encontram alguém que, como eles, “possui a sabedoria da lentidão e maneja a técnica da demora.” Admirável Mundo Novo, levanta-te e caminha, mas pelo meu pergunta-te: porque é que descobrir não é o mesmo que desmontar?

**TIAGO**

*Quinta 7*

**LIFELIKE**

*Quinta 7*

**MOULINEX & FLIP**

*Quinta 7*

**LEONALDO DE ALMEIDA & ZÉ PEDRO MOURA**

*Sexta 8*

**JOHNNY D <sup>LIVE</sup>**

*Sexta 8*

**DEXTER & HENRIQ**

*Sexta 8*

## MD5

*Miss Dove dá-nos cinco daquelas para deixar o indicador dorido de tanto clicar, apontar ou passar páginas.*

— *Keyboard Fun*

O primeiro faz com o nosso teclado emitir pequenas "ordens" retiradas das canções dos Daft Punk, "Make It", Stronger", "Faster"... O segundo é irmão e pode ser conjugado com o primeiro se tivermos amigos à volta. Ron Winter, que faz vídeo, animação e é amigo da DFA, criou um *drum set* com sons dos nossos tempos. Bem, também anda por lá a vozinha do George Michael (dos anos 80). Só falta mesmo é um *cow bell*.

najle.com/idaft

ronwinter.tv/drums.html

— *Day Trotter*

Sim, já sei, os indies ferrenhos já estão fartos de saber o que é. O Day Trotter dá à borla quatro canções ao vivo por banda, acompanhadas por textos e ilustrações originais. Todos os dias. No meio de digressões, os grupos param no estúdio The Horseshack (Illinois, EUA). Estão lá os The National a cantarem o "Pretty in Pink" ou os Vampire Weekend a proclamarem "I'll never smoke weed again", mas a lista de bandas é imensa. A escolha e a qualidade do som vale um *bookmark* na *toolbar*.

daytrotter.com

— *Baldessari Sings Lewitt*

John Baldessari é um grande artista americano vivo, de largas barbas brancas. Em 1972 decidiu fazer um vídeo em que trauteava as frases de um outro artista (do minimalismo) – Sol LeWitt. Por achar que estas frases não podiam continuar "escondidas" dentro de catálogos. Vai cantando a capella em jeito de standards americanos, ou hinos nacionais. Uma obra de arte conceptual que hoje vive na perfeição em *full screen*.

ubu.com/film/baldessari\_lewitt.html

— *Marcel Dzama*

É um artista canadiano que se mudou para Nova Iorque. É muito conhecido pelas suas aquarelas cheias de animais, crianças, árvores e coisas estranhas que lhes acontecem. Nos últimos tempos trouxe o seu trabalho às três dimensões e o mundo pop/indie acolheu-o por completo. Já tinha feito capas para os They Might Be Giants, para o Beck ("Guero"), Spike Jonze entrevistou-o no livro "Even the Ghost of the Past" e há bem pouco tempo fez os figurinos e cenários do vídeo "No One Does It Like You" dos Department of Eagles, realizado por Patrick Daughters.

davidzwirner.com/artists/10

— *Guest of Cindy Sherman*

Quem arranjar primeiro deve partilhar.

Como quem oferece pastilhas ou rebuçados para nos entretermos enquanto não chega a hora da refeição. Um antigo namorado de Cindy Sherman, Paul H-O, decidiu fazer um filme sobre a história da sua relação com a artista e sobre como não gostava nada de estar na sua sombra. Mmm...

guestofcindysherman.com

missdove.blogspot.com

## BILLY DALESSANDRO

**Dança Estilizada**

Basta! Chega de falar de Chicago para nostalgias do The Warehouse ou das descrições em jeito de fabulações dos sets de Ron Hardy. E também não há mais tolerância para Pierre ou Adonis, Roland TB-303. E nem Obama, por favor... Billy D'Alessandro tem sido o mais recente embaixador da cidade de Capone. E isso basta. O mentor da editora Site Holder, deambula entre electro e techno com a mesma versatilidade com que utiliza o vocábulo Tyrone para criar música hipnótica, inebriante e delicada. É de sofisticação que se faz a carreira do norte-americano, ideal para uma noite no Lux.



# DEMO

*André Teodósio*

**Dicionário Teosófico (Parte II) para usar à noite:**

**E6** - O código não engana: trata-se de um intensificador de sabor sintético inimigo de qualquer estilo de vida *Bio* ("o *Eco* que se lixe", diz o egoísta, "o *Bio* é que é!"). Um aditivo alimentar perfeito que cresceu a par da inevitável desideologização crescente. Os E6 tornam tudo mais saboroso, *mmm...* de diferentes épocas e países: o Perna-de-pau, as bolachas Maria, o pudim chinês, as pastilhas Pirata, o Doctor Pepper. Mas será que nesta sociedade onde se afirmou que "depois de Auschwitz, a poesia jamais será possível" e onde eu contra-affirmo que depois de Bush jamais será possível romance (teoria desenvolvida com a Miss Dove) não podemos constatar (em vingança total) que os E6 são o verdadeiro amigo do egoísta, ou melhor, o nosso melhor amigo? Estou com "Lights and Music" dos Cut Copy *on my mind* e portanto vejo na MAQUINARIA do Lux (projectores de luz e vídeo e laser, *led wall*, *neons* multi-cor, mesas de som e luz, colunas de som, enfim, todo um arsenal de guerra semiótica!) esse intensificador por excelência! Julgo que temos nesse excesso desnecessário (tão cobiçado por artistas sem-abrigo) a possibilidade da transversalidade de fantasia nos corpos desejosos tentando

## JOHNNY D

Quando se questiona Johnny D sobre as suas primeiras experiências com a música electrónica, a resposta reside invariavelmente entre Mannheim e Frankfurt onde descobria os breakbeats aos treze anos. Filho de refugiados da Eritreia, Johannes Debese recorda os primeiros sons da Tigrinya (herança cultural dos pais), do hip hop e do funk como um estágio precioso para aceitar esses novos sons do drum'n'bass de braços abertos. Com o pulsar dos sub-woofers como fundo, cruza-se com Ray Okpara, agora já com a atenção presa ao magnetismo do 4X4 que os prendia à pista do Robert-Johnson – onde estreiam os ouvidos nos sets/odisseia de Villalobos. Passada a febre minimal, Johnny D aparece como um dos nomes mais fortes na recuperação do house mais clássico, regresso às formas e *tools* da 1ª vaga americana. Quem está por dentro, diz-nos que quando a *intelligenza* começa a torcer o nariz, é porque se está prestes a ouvir discos que nunca mais se esquecem. Depois das edições na Oslo ou na 8 Bit, Johnny D estreia-se ao comando da pista de Sta. Apolónia. No momento certo. Depois não reclamem. Nós avisámos.



# DEMO

fugir à pulsão do vazio. Piratas e Pernas-de-pau, Mariás, chineses e doutores todos, *mmm*, podem agora dançar cercados pelo estéreo e vislumbrando-se belicamente por entre as luzes que agem como maquiagem aérea. De E.T. a E6 i.e. de bio-extra-terrestre a falso mundo térreo: talvez o E6 traga consigo o apaziguar daquele tipo de histeria nostálgica (histórica) que não possibilita o desenvolvimento histórico. É que o presente está melhor que nunca, mas que venha o nosso futuro!

-Lasers, por favor, eliminem o

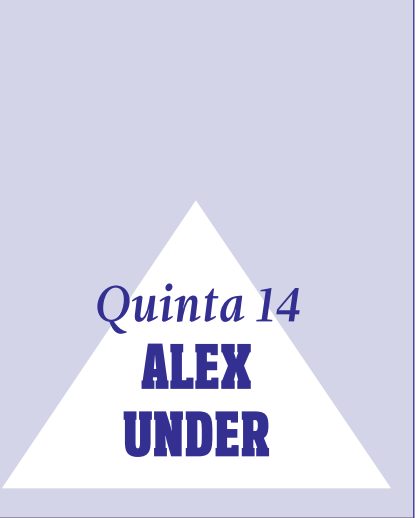
hedonismo porque *"our holding hope open for The One is making us wait"*.

**Esquema de pirâmide** – Existe a pirâmide etária/demográfica, e a pirâmide hierárquica, a pirâmide de chocolate e até uma contra-pirâmide de pernas para o ar. O que aqui interessa é o esquema de pirâmide versão "mecanismo comercial não-sustentável" que é proibido em tantos países porque do seu funcionamento obscuro sai sempre alguém lesado! Começo desde já por uma pergunta: Mas não sairá também lesado tudo o que é transgressão inerente da hegemonização democrática? Em Portugal as tais negociatas em pirâmide também são proibidas, mas talvez já seja tempo de fazer uma releitura deste modelo que me parece representar o oposto de tudo o que sobre ele é dito, até porque a realidade desmente a toda a hora a negatividade latente! O esquema de pirâmide é o oposto do reticulado, É, mas o esquema de pirâmide é também o que nos faz ter

## ALEX UNDER

**Absolut Techno**

Se Paco Osuna é a mais nova coqueluche espanhola há um nome que ressoa mais alto que qualquer outro quando se grita "TECHNO!" com sotaque castelhano. Alex Under é o homem de que todos falam e querem ouvir. Na memória ainda temos a sua prestação no Lux aquando do Sonic Fresh, em Setembro de 2008, pelos atributos da sua música: techno incendiário, absoluto e imperial, a meio caminho entre os dedilhares melódicos de Detroit e a cirurgia rítmica alemã. Mas este produtor madrileno tem ainda na manga a magia de funk maquina! latinizado (a que Villalobos tanto recorre) para dar a cada noite um toque singular. Por isso, não estranhem, se depois de o ouvirem acharem que estiveram perante alguma da música mais imaginativa que se pode dançar.



# DEMO

uma média alta na primária garantindo-nos entrada directa na secundária. Dominar relativamente a matéria de estudo e aliá-la a um comportamento aparentemente exemplar (comprar a professora com sorrisos, *private jokes*, presentinhos de natal e uma obediência cínica) resultou sempre em sermos presenteados com boas notas... e pequenas festas no nosso cabelo alourado pelo champô de camomila. Toda a sociedade é estruturada nesse gesto vazio: a troca social (e porque tempo é dinheiro estamos a falar de muitos dólares invisíveis!). Não teremos nos CLIENTES HABITUAIS do Lux (quando  *futuros-amigos-por-vir*) o topo de uma dessas pirâmides por excelência? Funciona assim: vamos entrar no Lux, numa noite ou numa festa, mas somos uns estranhos para aquela realidade simbólica. Das duas uma: Ou aceitamos a posição dos sem-partre sendo-nos vedada a entrada (quem achar isto negativo consulte **Demo/Gatekeeping in Jornal LuxFragil** ou em *blog.luxfragil.com*, ed. Março) ou enfrentamos um desses craques da noite e pedimos/vamos à boleia. Cumprimentamos com ênfase o *Gatekeeper* (esperando que *pavlovianamente* nos vá memorizando a cara) e como desenlace pagamos *um drink* ao "motorista", o que poderá resultar numa pequena amizade ou até mesmo amor. Se repetirmos o tal gesto vazio social frequentemente um dia chegaremos ao topo e estaremos na caderneta. É que convém lembrar, caros amigos, que antes de existir o facebook já existia o Lux!

# Cama de casal

*Isilda Sanches*

*O pingue-pongue continua. A Cama de Casal volta abrir-se para um duelo de discos que pode tomar rumos imprevisíveis. Tentámos antecipar o que pode acontecer com um questionário básico que revela informação preciosa.*

São duas mulheres numa cabine. Uma loura, outra morena. Podia ser o início de uma fantasia erótica, mas a ideia não é essa (a minha, mas pode ser a vossa...). Heidi e Yen, que também podiam ser nomes de heroínas manga (por acaso Heidi até é, mas isso é só um pormenor) e não têm medo de ser sexy mas estão muito mais interessadas em fazer valer o seu amor pela música do que em reclamar a atenção que pôr discos em clubes lhes pode trazer. Heidi é canadiana, era uma *indie girl at heart* mas converteu-se à música de dança com Richie Hawtin (seu conterrâneo), mudou-se para Londres há dez anos, criou a loja de discos Phonica com uns amigos há cinco, vive actualmente em Berlim e lança discos na Get Physical. Yen Sung nasceu em Moçambique, veio para Lisboa há mais de vinte anos, também teve o seu lado *indie chick* (e hip hop diva, não esquecer a passagem pelos Da Weasel e, já que o parêntesis está aberto, notas para o maxi que editou na Atlantic Jaxx e para a remistura que fez para a Compost) mas converteu-se à música de dança 5a tempo de ser uma das primeiras mulheres a pôr música em Portugal e continua a ser

uma das nossas DJs preferidas, não por ser mulher, mas pela atitude e pela música que passa. Nunca tocaram juntas, nem sequer se conhecem, mas também é isso que nos atrai neste primeiro encontro na Cama de Casal. É do imprevisito que saem normalmente as iluminações e nunca se sabe o que duas miúdas numa cabine são capazes de fazer com duas malas de discos. Heidi & Yen é um binómio que funciona e promete grandes coisas. No Lux vai estar em acção por uma noite, em nome do prazer da partilha e da festa. Coisas de miúdas que gostam de música e não têm medo de se agarrar aos pratos.

## HEIDI & YEN GIRL TALK

**O QUE SABES DA YEN?**

*Heidi:* Sei que é residente no Lux

**O QUE SABES DA HEIDI?**

*Yen:* Só sei que é uma mulher!

**QUE DISCO ACHAS QUE A YEN VAI PASSAR DE CERTEZA?**

*H:* Bem, como não a conheço, espero que

passa alguns clássicos.
**SE ELA O FIZER, JÁ SABES COM O QUE VAI RESPONDER?**

*H:* Nada melhor do que tocar um clássico a seguir a outro... as pessoas costumam adorar.

**QUE DISCO ACHAS QUE A HEIDI VAI PASSAR DE CERTEZA?**

*Y:* Um qualquer da Poker Flat.

**SE ELA O FIZER, SABES COM O QUE VAI RESPONDER?**

*Y:* Toco um qualquer do Laurent Garnier.

**SE O DJING PODE SER UMA TÉCNICA DE SEDUÇÃO, QUAL O DISCO CERTO PARA COMEÇAR UMA NOITE?**

*H:* Ando a começar os meus sets com a remistura do Seth Troxler para o "Good Voodoo" do Kiki, é super sexy e deep... põe as pessoas na disposição certa.

*Y:* "Love Machine" de Supermax.

**UM DISCO QUE TOQUES PARA TI.**

*H:* Toco sempre umas coisas antigas do Steve Bug... bassline extravaganza!!!

*Y:* "I Can't Kick This Feeling When It Hits" do Moodymann.

**UM DISCO PARA OS AMIGOS.**

*H:* "God Made Me Funky" do Mike Dunn.

*Y:* "Don't You Worry About a Thing" do Stevie Wonder.

**UM DISCO PARA OS AMANTES.**

*H:* "I Feel Love", Donna Summer.

*Y:* "Just Me and You", Erasmus Hall.

**UM PARA MOSTRAR DELICADEZA.**

*H:* "Summertime", Jamie Jones.

*Y:* "Protection", Massive Attack.

**OUTRO PARA MOSTRAR FORÇA.**

*H:* "Respect", Aretha Franklin.

*Y:* "I'm The Baddest Bitch", Norma Jean Bell.

**SENTES-TE UMA MULHER A FAZER UM TRABALHO DE HOMENS?**

*H:* De todo.

*Y:* "It's a man's world", como me disse uma vez a Kelis. Mas eu ADORO!

**O MELHOR DE SER DJ E MULHER.**

*H:* Não tem a ver com ser mulher, tem a ver com sentir paixão pela música que se toca e divertirmo-nos. Homem ou mulher, branco ou preto, não há barreiras na música.

*Y:* Podemos usar make-up, saltos altos, de-cotes e ser DJs ao mesmo tempo!

**E O PIOR?**

*H:* É mais difícil ser-se mulher nesta indústria porque somos uma minoria, mas isso só me faz trabalhar ainda mais. Os tipos que se sentam ao computador e escrevem coisas feias sobre mim como DJ, nos blogs, só me tornam mais forte. Eu aceito a negatividade e transformo-a em energia positiva quando toco.

*Y:* Carregar as malas de salto alto!!!

**QUAL FOI A FRASE DE ENGATE MAIS PARVA/ESTRANHA QUE JÁ USARAM CONTIGO NUMA NOITE DE TRABALHO?**

*H:* Tenho que dizer que nunca ninguém veio falar comigo antes ou depois de um set... acho que assusto um pouco as pessoas... Ah! ah! Deve ser das tatuagens... talvez as pessoas se sintam intimidadas.

*Y:* "Adorava ser um disco para me tocares a noite toda..."

**O QUE É SEXY NUM DJ?**

*H:* Confiança e um sorriso.

*Y:* É ter a sensibilidade de se emocionar com uma melodia e a capacidade de nos fazer abanar a anca. Isso é sexy num DJ!



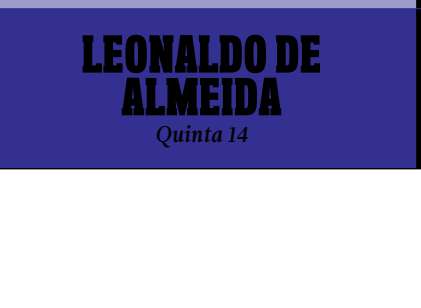
**QUINTA 28**  
**ROKIA**  
**TRAORÉ**
**CONCERTO**



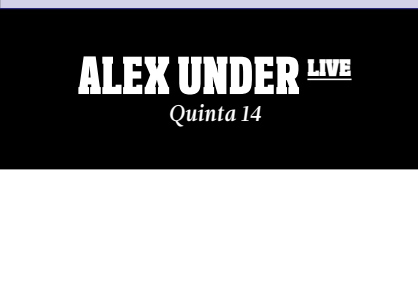
**QUINTA 28**  
**TIEFSCHWARZ**  
**(ALI SCHWARZ)**



**SEXTA 29**  
**THEO PARRISH**



**LEONALDO DE ALMEIDA**  
*Quinta 14*



**ALEX UNDER** <sup>LIVE</sup>  
*Quinta 14*



**EXPANDER**  
*Quinta 14*

## CALDO MISO OU MISOSHIRU

Os japoneses têm um ditado que costumam usar quando vêem uma mulher bonita: “Deve ter comido bastante miso todos os dias da sua vida.”

O miso é um caldo japonês feito à base de uma pasta de feijão de soja fermentado, excelente para a pele, para os cabelos e, em geral para a saúde e sua longevidade. Aqui está uma receita que reúne aos poderes do miso, o gosto rico e os elementos nutritivos do peixe e das algas marinhas.

*Efeitos:*

Melhora o aspecto da pele e dos cabelos. Elimina as toxinas e auxilia a digestão.

*Indicações:*

Tomar diariamente.

*Ingredientes:*

1 pequeno pedaço de alga Kombu, flocos de bonito (Katsuo­bushi) ou (Hondashi Ajinomoto) – encontra em lojas especialistas em produtos naturais e orientais.

0,5 l de água mineral  
1 colher de sopa bem cheia de pasta de miso Akamiso (vermelha) ou Shiromiso (branca).

*Facultativo:*

cubos de tofu firme, algas wakame, cebolinho ou cebolo ou mesmo alho francês picados.

*Preparação:*

Para fazer o caldo Dashi adicione a água numa caçarola, as algas Kombu e deixe ferver, depois adicione uma mão cheia de Katsuo­bushi ou uma colher de chá de Hondashi Ajinomoto. Tapar durante cinco a dez minutos. Coar o líquido, acrescentar a pasta de miso, sem voltar a ferver e juntar os ingredientes facultativos.

*Utilização:*

Beber o caldo com as algas. Pode ser rea­quecido, mas sem deixar ferver. Duração três a quatro dias.

*Meshiagare / bom apetite.*

## PINKBOY & PAN SORBE

Sexta 15

# Dois astros para os livros de amanhã Sonham o tempo de agora

*Duas figuras que marcam indelevelmente a produção da música independente desta década, dois caminhos ímpares de como se ser único em som e visão. Deerhunter e Ariel Pink no Lux, a 1 de Junho, o Dia da Criança.*

A sua chegada foi demorada ao ponto de se ter inventado um tipo macabro de ídolos, mas o culto da personalidade na música na primeira década deste século passou verdadeiramente a ter razões para existir na sua segunda metade. Numa época em que muito dificilmente volta a haver um Cobain ou uma Joplin (vozes de real discordância e carisma que dispõem de amplo tempo de antena), a deificação de figuras públicas ligadas à música na cultura pop branca passou para uma celebração de um tipo decadente de estrelas, com carisma mas sem grandes causas ou visão (pense-se em Amy Winehouse ou Pete Doherty).

Nesta década, à semelhança de outras anteriores (mas agora em quase exclusivo), as figuras mais emblemáticas da canção de formas contemporâneas provêm de um universo ligado principalmente à música independente. Quase todas elas, de Dave Portner e Noah Lennox (Animal Collective) a John Fell Ryan (Excepter), trabalham num raio de difusão relativamente limitado e nenhuma dá realmente a cara por uma causa, a um caminho. Nenhuma verbaliza de uma forma óbvia e imperativa um grito, seja para que direcção tribalizante for. Contudo, dois homens (rapazes; são rapazes), Bradford Cox (Deerhunter, Atlas Sound) e Ariel Pink, fogem do molde desta época, para um outro em que os líderes extrovertem a introsversão, e vão influenciando a forma como uma geração que cresce nesta década sente, vive, pensa, se apresenta perante a sociedade.

Os Deerhunter de Bradford Cox (porque é, definitivamente, a banda para as canções dele) rebentaram para um público mais alargado no ano passado, com o lançamento do excelente álbum duplo “Microcastle/Weird Era Cont.”, numa edição dividida entre a 4AD e a Kranky. Porventura, serão as duas casas mais apropriadas para acolher a música de Cox, uma espécie de enciclopédia moderna que compila e aglutina no seu som várias maneiras de sonhar e celebrar no quarto de dormir – do indie-rock celebratório dos anos 80 e 90 (Guided By Voices, The Clean, The Breeders), electrónica melancólica (o catálogo da Kompakt), até

tratamento do som (que parece sair de dentro de um rádio portátil muito batido nos anos 80). Ao microfone ele soa a um *crooner* esquizofrénico, incapaz de se decidir se quer ser um romântico galante ou um *dandy* com uma confiança desproporcional no seu falsete.

O seu impacto está nas ruas de todas as grandes cidades do Ocidente, onde pequenos exércitos de gente com menos de 30 anos aprenderam a usar calças justas com camisolas demasiado largas, e a saber escolher com precisão o par de óculos escuros mais estranhos que há na loja de cenas em 2ª mão. Ajudou a colocar brilho no desmazelo que os anos 90 levaram, eventualmente, demasiado a sério. É, de muitas formas, o ícone de quem é anti-ícones; o miúdo estranho que inventou uma ciência própria, infinita, esquizofrenicamente individualizada (onde reside o cerne do seu enorme trabalho), de se ser completamente diferente (e é aí que tantos, músicos e admiradores, tentam ser como ele). Mas Ariel Pink é só ele.

Dois rapazes, rapazes especiais, para marcar toda uma geração que descobriu que gosta de maquilhar a sua estranheza e torná-la bonita, num concílio à noite para a história, no dia de todos os putos.



## RESIDENCIAL

– Zé Pedro Moura –

### PLEASURE FROM THE BASS

### DEZ MARCADORES NA ESCALA DE RICHTER:

**THE STRANGLERS “DEAD LOSS ANGELES”**  
**LFO “LFO”**  
**SUNN O)) “WHITE 2”**  
**SANDY B “MAKE THE WORLD GO ROUND - DEEP DISH DUB”**  
**MARK STEWART “THESE THINGS HAPPEN ADRIAN SHERWOOD DUB”**  
**A CERTAIN RATIO “WATERLINE”**

**PINCH “PUNISHER (SKREAM’S HEAVY DUTY RMX)”**  
**RENEGADE SOUNDWAVE “BLUE EYED BOY”**  
**PAPERCLIP PEOPLE “THROW”**  
**RHYTHM & SOUND “KING IN MY EMPIRE”**

## CAMA DE CASAL #3 HEIDI & YEN SUNG

Sexta 15

# MSTRKRFT

*Tiago Manaia*

Se acha que a dupla de DJs MSTRKRFT lhe tem passado ao lado nos últimos anos, pense duas vezes. É que MSTRKRFT não se pronuncia como se lê.

E se este conjunto de iniciais lhe parecem um tanto desconhecidas, leia então em voz alta a palavra que se segue: MASTER-CRAFT, talvez tudo se torne subitamente familiar. Mas se enquanto pronunciou MASTER-CRAFT não teve nenhuma revelação furiosamente dançante, não desista. Procure bem à sua volta, nas playlists que tem organizadas dentro do computador, ou nas faixas que abrilhantam os singles dos nomes mais sonantes da actualidade musical, e que deve (ou deveria ter) perto de si.

O ponto comum entre os The Kills, os Justice, a Kylie Minogue, os The Gossip e D.I.M. são os MSTRKRFT. Esta dupla assinou remisturas para todos eles.

Se mesmo assim, continua às escuras, programe o relógio do seu corpo, invente uma toilette capaz de absorver suor em grandes quantidades, procure sapatos propícios à arte da dança e agende uma saída para a noite em que estes canadianos incontornáveis apresentam sons do seu último álbum “Fist of God” no Lux.

Mas a apresentação do álbum é somente pretexto, porque no DJ set que prometem trazer até nós, vão estar também pérolas de bandas que têm remisturado ultimamente.

Ao vivo os MSTRKRFT não tentam somente recriar as músicas que se podem ouvir nos seus discos e nos discos dos outros, agem muito a partir do encontro que têm com a multidão, inventam sons a partir do entusiasmo.

São verdadeiras multidões que os aguardam em todo o mundo, sendo os vídeos espalhados no YouTube uma prova concreta do furor que acompanha as actuações da dupla.

Estes nativos de Toronto inspiraram-se na energia que receberam do público americano para criar as faixas do novo álbum de originais. Eles gostam de contar que até nas partes remotas e de difícil acesso da América, tinham miúdos em delírio à sua espera. Por isso aqueles Estados Unidos sem fim mereciam uma homenagem. E assim o som dos MSTRKRFT modificou-se um pouco.

As faixas surgem agora acompanhadas por vozes de inúmeros rappers americanos.

É a voz de N.O.R.E. que sacode o primeiro single “Bounce”.

Nele grita-se “All I do is party” de dois em dois segundos, é um mote, é provocação, é um grito de guerra. Mas ele não é o único rapper a vincar uma vertente nova no som electrónico dos MSTRKRFT, também ali andam Ghostface Killah (dos Wu-Tang Clan), Freeway ou a cantora de R&B Lil Mo.

Os sons rave do primeiro álbum, “The Looks”, continuam presentes. As distorções electrónicas lembram que ainda fazem parte de uma linhagem próxima dos Justice e de Boys Noize, e que o estilo “maximal” iniciado pelos Daft Punk lhes continua nas veias.

O som dos MSTRKRFT tem a capacidade de transformar o *dancefloor* num estado de clímax permanente. É música de dança com uma dinâmica diferente, podia tratar-se de rock. Convém lembrar que Jesse F. Keeler, o líder da dupla, fez parte da banda punk-rock, Death From Above 1979 (a quem os brasileiros Cansei de Ser Sexy dedicaram o tema “Let’s Make Love and Listen To Death From Above”).

Quando Keeler se juntou a Al-P, a vitalidade das guitarras que ambos conheceram no passado não foi esquecida. Apesar de já não as usarem, pensaram em criar uma electrónica de dinâmica parecida. Foi assim que inventaram o som sem vogais, os MSTRKRFT directos e carnais.

Para atingir um *clubber* neste final de década não se pode perder tempo. Quem dança procura abandono, quer atingir o êxtase rapidamente. Eles perceberam a lição.

Porque se acha que os MSTRKRFT nunca o viraram ao contrário, pense novamente. Pense duas ou três vezes, talvez não tenha percebido o nome, talvez não tenha ficado com ele na cabeça, mas devia saber que dentro do seu corpo eles já andaram a mexer certamente.



## RUI MURKA

Sábado 16

# JUNHO

**DIA 4: THE SUBS <sup>LIVE</sup>**  
**DIA 5: JAMES HOLDEN + RICARDO TOBAR <sup>LIVE</sup>**  
**DIA 11: BOYS NOIZE**  
**DIA 18: BRODISNKI**  
**DIA 25: GUI BORATTO <sup>LIVE</sup>**  
**DIA 26: RARESH**

## UMA CANÇÃO QUE GOSTARIA DE TER ESCRITO

**CLÁUDIA JARDIM**

I've seen a billion smiles,  
I've walked a million miles,  
Since I saw you...  
I've held a thousand heads,  
I've slept in too many beds,  
Since you were here...  
My dear!  
I've gone around the world,  
I've even acted like a girl,  
Since I saw you...  
And all the while  
Thoughts of you made me smile...  
And this is clear...

My dear!  
But after all  
That I go through,  
Nothing seems to change...  
'Cuz I'm not through with you,  
And I will never  
Be through with you!  
We just need more time,  
To figure out what to doooo.  
Until then...  
I will be SUSPENDED IN LOVE  
SUSPENDED IN LOVE I will be

I've gone through open doors,  
I'd never seen before,  
Since I saw you!  
And all the while  
Thoughts of you made me smile,  
And this is clear...  
My dear

“Suspended In Love”, **Kevin Blechdom**, 2005

Into my arms, O Lord (x3)  
Into my arms

“Into my arms”, **Nick Cave**, 1997

**DANIEL BLAUFUKS**

I don't believe in an interventionist God  
But I know, darling, that you do  
But if I did I would kneel down and ask Him  
Not to intervene when it came to you  
Not to touch a hair on your head  
My dear!  
And if He felt He had to direct you  
Then direct you into my arms

Into my arms, O Lord (x3)  
Into my arms

And I don't believe in the existence of angels  
But looking at you I wonder if that's true  
But if I did I would summon them together  
And ask them to watch over you  
To each burn a candle for you  
To make bright and clear your path  
And to walk, like Christ, in grace and love  
And guide you into my arms

Into my arms, O Lord (x3)  
Into my arms

And I believe in Love  
And I know that you do too  
And I believe in some kind of path  
That we can walk down, me and you  
So keep your candlew burning  
And make her journey bright and pure  
That she will keep returning  
Always and evermore

Into my arms, O Lord (x3)  
Into my arms

## ZÉ PEDRO MOURA & JOAO MARIA

Sábado 16

# PRETO, BRANCO, todas as CORES.

Entrevista de João Botelho, em Abril de 2009.

**10 de Abril. Sexta-Feira Santa. “O Cardeal Ratzinger, o papa, provavelmente deve estar a comer “choucroute” sem a salsicha, para não pecar, mas com o molho para satisfazer a gula!” – disse o Pires com um ênfase notável no final da frase. Acentuação que torna credível qualquer afirmação e aponta o riso como fundamento da celebração da vida. E no entanto, hoje na cafeteria da Bica do Sapato, só passaram 16 dias de um acidente violento, indecente e sobretudo injusto que lhe provocou fracturas expostas nos dois braços. Eu já vos conto.**



#### UNS SEGUNDOS ANTES DO ACIDENTE –

Eu tive um acidente porque tentei prevenir uma situação. A uma distância razoável de um automóvel travei. Azar! Sobre os carris. Quarta-feira, 22h30.

#### UNS INSTANTES DEPOIS DO ACIDENTE –

Percebi que tinha os braços partidos e eu não queria.

#### TU, ENCENADOR AGITADO!...

Dois dias antes do Dia Mundial do Teatro. Ninguém imagina o que tinha para fazer. Incomodar várias e importantes pessoas, decidir sobre dois espectáculos em simultâneo, uma palestra, etc. Nada feito.

#### COMO É COSTUME O INEM, DEMOROU

#### UNS 20 MINUTOS A CHEGAR...

Tive sorte, ou a lucidez (antes de talvez ter desmaiado) para pedir a uma daquelas pessoas que, graças a Deus, adoram acidentes e se apressam para salvar o desgraçado e o mundo, que me tirasse o telemóvel do bolso e marcasse o primeiro número. Graciano, o meu amigo e os outros, com quem tinha jantado, chegaram a correr, muito, mas muito tempo antes do INEM.

**Uma camisola de cor “cerise”, nova e de malha delicada foi trucidada pelas tesouras impiedosas do competente socorrista do INEM. O António no limite do humor e no meio de dores lancinantes:**

Por favor, não ma cortem, não me rasguem esta camisola por amor de deus! Gosto

tanto dela, comprei-a no Porto na semana passada. Foi muito cara.

**Rasgões que nunca seriam cosidos. Mas os ossos soltos, expostos, hão-de voltar a lugar. Sei eu, meu amigo, garanto-te. Prestes a fechar os olhos, o coração a falhar. Acorda não durmas, grita! Não te posso dar água, eles não deixam. Uma hora mais aos gritos. Mirones com opinião.**

Não me magoe, está a dar-me pontapé! Por favor, isso não! Quanto tempo ainda mais? Se não grito agora que tenho os dois braços partidos quando é que eu grito? Ainda não é desta que me apanham! Mas chega um momento em que uma pessoa pergunta: “Que raio fiz eu?”

#### QUE RAI0 FIZESTE TU? ANTÓNIO PIRES QUAL FOI O TUA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO AO TEATRO?

Não houve um primeiro momento. Houve muitos, uma caminhada. Lembro-me desde muito novo (12, 13 anos) de ir ao teatro com a minha irmã, à Comuna, à Barraca, à Casa da Comédia. Lembro-me da primeira visão de uma actriz – a Teresa Roby. Mas desgracei-me a sério, quando estava no IADE a estudar Marketing e Publicidade e um amigo meu, o Filipe Costa, me convidou para fazer audição para o curso do IFICT, no Castelo. Um curso de teatro? – perguntei eu. Sim, um curso técnico-profissional – respondeu . Paga-se? – perguntei eu. Pagam-te! – respondeu ele, (eram os tempos dos cursos da CEE, e do Cavaquismo). Pagam-me?! Então vou!

#### A TUA PRIMEIRA PEÇA COMO ACTOR?

Peça da escola, depois do curso, onde, por exemplo, conheci o Rogério de Carvalho, entre outros actores e gente de teatro que foram importantes para mim: a Lúcia Lemos, o Ávila Costa, o Gutkin e os meus colegas, Alexandra Lucas Coelho, Heitor Lourenço, Elsa Valentim, João Reis, Paulo Pinto, Silvie Rocha, Hélia Perre e um bando de gente feliz. Nunca mais saí do teatro.

#### COMO ACTOR?

Diverti-me muito a fazer o “Amor/Enganos”, de Gil Vicente na Cornucópia onde fazia um preto que queria ser branco e os Deuses concederam-lhe a graça da pele, mas não a graça da pronúncia... Enfim meio-milagre. Milagre que eu nunca quis. Mas o papel onde me senti melhor aconteceu no cinema: “O Clandestino” de José La Pleine. Fazia outra vez de preto, neste caso clandestino que chega a Lisboa num contentor e como é despejado numa zona africana de Lisboa, perto de Chelas, acha que nunca saiu de África.

#### QUANDO TE APETECEU SER ENCENADOR, ISTO É MANDAR, DECIDIR, CRIAR?

Mais uma vez a vida empurrou-me para isso. Quando saí da escola criámos um grupo de teatro. O Rogério de Carvalho era o encenador do nosso grupo. Tentámos várias peças. E ao cabo de pouco mais de um ano, na Voz do Operário, quando finalmente estávamos a concretizar um dos projectos, o Rogério foi chamado para o Teatro da Graça, ali ao lado, pelo Carlos Fernando, para encenar a “Voz Humana”, com a Isabel de Castro. Eles tinham apoios financeiros. Nós não tínhamos nada. O Rogério não podia recusar. Decidi então encenar o “Sangue no Pescoço do Gato” do Fassbinder, o projecto em curso, mas para poder financiar quer o espectáculo, quer a comida para o estômago, quer as bebidas para os momentos de sede, decidi encenar um espectáculo infantil para a Junta de Freguesia de S. Vicente de Fora, também ali ao lado, “As Histórias do Palhaço Carlitos” (eu próprio era o Carlitos), com os meus colegas e uma galinha que acabou em cabidela. A galinha, depois da temporada em Lisboa, ficou a aguardar pela digressão nacional, na casa da avó da Hélia Perre nas hortas de Corroios. Ao fim de uns meses de gloriosa luta conseguimos finalmente vender o espectáculo para o sul de Portugal. Era época de Natal. O nosso grupo cabia todo num carro, onde o rádio só funcionava se o meu dedo fosse continuamente a pressionar o botão, o que era uma canseira. Atrás tinha um cesto de transporte de gatos para transportar a galinha actriz, por cima do fato de Pai Natal que poderia ser útil, dada a época. Quando chegámos às hortas de Corroios, a actriz de penas tinha desaparecido, para sempre, numa estupenda cabidela que matou a fome a alguma gente. Desespero nosso e gritos da vizinha da avó da Hélia, porque lhe fomos roubar outra galinha, a mais gorda e mais vistosa da sua capoeira. Nasceu aí o princípio das substituições *em digressão* por indisponibilidade de actores o que nunca mais me abandonou. Cabidelas ou novelas é sempre o mesmo.

**O Pires é o maior contador de histórias que eu conheço. Leva-me às lágrimas de riso ou de dor e consegue mesmo contar histórias com princípio, meio e fim, utilizando apenas onomatopaicas, sons meio surdos, meio agudos, gestos rudes, grandiosos, verdadeiros. E o corpo, que se oferece na dança perfeita. O caos organizado, sempre a perfeição e sempre a carne. Um dia destes, quando o Manuel Reis nos der mais espaço no seu jornal, hei-de contar-vos, ou melhor, há-de ele contar-vos a história Keatoniana da camioneta “Resende”, ou a mais maravilhosa história de amor (de mãe neste caso) chamada Esferovite.**

Ainda em simultâneo com a peça de Fassbinder, encenei para os bares do Bairro Alto um Café-Teatro. Estávamos em 1989, completamente agitados e influenciados pelo pós-modernismo, sobretudo pelo que aconteceu nos encontros ACARTE. Era isso o que nos movia, o que nós queríamos. Então com o João Reis (o título é dele) fizemos os “APONTAMENTOS DE INSURREIÇÃO E PROTESTO ANTE OS LIBERTÁRIOS DO PRESENTE E DO FUTURO SOBRE AS CAPITULAÇÕES DE 60, SEGUIDO DE AUTOCRÍTICA DA CORPOREIDADE

METAFÓRICA”. Um sucesso!

#### QUANTAS PEÇAS ENCENASTE?

Perdi a conta. Talvez mais de quarenta!

#### O QUE TE DÁ MAIS GOZO? O RISCO DE TEXTOS DIFÍCEIS, O ENTUSIASMO DO PÚBLICO?

Os textos e os actores. Estou viciado em encontrar um projecto certo que vá crescendo e que tome completamente conta da minha vida, que saia de mim. Eu sonho com ele, vivo-o, mas quero que o espectáculo se torne autónomo, com vida própria, que não me pertença. Quando isso acontece garanto-vos que é melhor do que qualquer droga que eu tenha tomado ou outra que possam inventar.

#### ISSO NÃO É O RECONHECIMENTO DE QUE O TEATRO DEVE SER SEMPRE MAIOR DO QUE A VIDA?

A arte é maior do que a vida. Às vezes, algumas vezes, não conseguimos chegar lá. Trabalho sempre da mesma maneira, com o mesmo empenho, com o mesmo amor e agitação mas há espectáculos que ficam só certinhos. Destes, normalmente o público gosta, eu nem tanto.

#### “A COR DA PELE”. NÃO ACHAS QUE “ESTRANHAM” QUE TE ATIRES A TEXTOS CLÁSSICOS, MEUVILLE, SHAKESPEARE, CONRAD, GERTRUDE STEIN, EM VEZ DE TRABALHARES PARA A “LUSOFONIA”?

Tenho a certeza que se trabalhasse para a lusofonia era um homem rico e provavelmente embaixador dos pretos. Mas vão ter de levar comigo. Logo no início da minha vida no teatro, o Rogério de Carvalho chamou-me a atenção para um tipo de preconceito que eu não percebi logo ou não quis perceber. Porque nos meus amigos, nos meus colegas, no meu trabalho nunca senti a cor da pele. Sentia-a apenas no reconhecimento do meu trabalho ou nalguma relação com o poder. Por vezes sinto que o meu trabalho é apenas tolerado porque

eu, negro, me atrevo a fazer o trabalho de um europeu. A minha cultura é essa, a minha vida é esta. Nasci em Angola, fugi da Guerra ao colo da minha mãe, mas aos oito anos estava em Portugal e aos nove estava no mundo. O que é que querem?

#### GERTRUDE STEIN, OUTRA VEZ.

Dois amores em simultâneo. Primeiro: a Alexandra Rosa, uma grande actriz, hoje bióloga, que na altura trabalhava comigo, disse-me: “Tens de conhecer o trabalho do Bob Wilson”. Em Paris, no Teatro Gennevillier, eu, o João Cabral e o José Ribeiro da Fonte que também lá estava, assistimos ao “Dr. Faust Lights the Light”. Perdi a noção do espaço, do tempo e tenho a sensação que vi o espectáculo perfeito. Segundo: tempos depois, a Paula Sá Nogueira trouxe-me de Londres um pequeno livro com peças da Gertrude Stein, essa grande e genial fufa. Hei-de fazê-las todas. Como o nome interminável do primeiro espectáculo que eu fiz, geralmente as peças de Gertrude Stein parece que não falam de nada, parece que nada se passa, mas são de tal forma livres que quem as encena não tem outro remédio senão expor-se totalmente aí. E isso é provavelmente o tal vício absoluto de que eu falava. Nesta peça que vos apresento, “Say It With Flowers”, estou lá eu, o movimento, as memórias, a repetição, a sonoridade das palavras, as histórias que não têm final. Ninguém pode contar este espectáculo a ninguém, não há palavras que o possam descrever. Só assim se cumpre totalmente a função do teatro. Tem que se ir lá, comungar a experiência com tudo o que passa diante dos vossos olhos, tudo o que entra nos vossos ouvidos, vindo ali do palco e da presença viva dos actores. Quando se olha para uma paisagem pode-se gostar dela, ter emoções com ela, e no entanto não se conseguir explicar a ninguém o porquê da emoção. Este é o meu reino: que o meu prazer seja o vosso.



## SAY IT WITH FLOWERS

de Gertrude Stein

Dramaturgia e Encenação

António Pires

com Graciano Dias, Francisco Tavares, Maya Booth, Miguel Moreira e Rita Brutt.

LUX – dias 20, 21, 22, 23, 27, 29 e 30 Maio  
4, 5 e 6 Junho – 22H00

CPT. LUVELACE

Quinta 21

YEN SUNG

Sexta 22

# O optimismo doentio

Joaquim António Rocha

Abusando do espaço que me é concedido neste jornal, decidi utilizar os quatro mil caracteres a que tenho direito todos os meses para desancar numa nova corrente de pensamento que cresce na propensão inversa dos índices de mercado das principais bolsas mundiais – o optimismo doentio.

Longe de ser um fenómeno local, o optimismo doentio tem contornos de supra-estrutura ideológica que se propaga facilmente independentemente da idade, sexo, raça, religião ou classe social. Qual vírus da imunodeficiência do bom senso humano, o optimismo doentio é um mal transversal a todas as sociedades e está presente em todos os continentes, o que torna o fenómeno numa catástrofe a nível mundial.

Antes de correr o risco de ser mal interpretado, vou aqui fazer uma declaração de interesses: eu sou um optimista e tenho para mim que a esperança é essencial à vida. Como seria possível viver se não acreditasse que o dia de amanhã vai ser melhor que o dia de hoje? Quem nos momentos difíceis me poderia servir de consolo, de alívio ou dar-me uma garantia de salvação? Quem nos melhores momentos me poderia inspirar a fazer coisas ainda melhores? Seria possível viver sem essa esperança? Pura e simplesmente não seria.

Depois disto, espero que não reste qualquer tipo de dúvidas. Não sou nem nunca fui um pessimista. Há muito que decidi responder àquilo que Camus identificou como a questão central da filosofia – “devo suicidar-me? – com um valente NÃO e um sorriso franco nos lábios. Sim, acredito que há coisas pelas quais vale muito a pena viver e tu és uma delas, meu amor. Sim, sou um optimista. Um optimista apaixonado. Porém, consciente. Mas consciente de quê?

Consciente de que a esperança é uma ilusão e que esse carácter enganador sempre lhe deu má reputação. Os clínicos, por exemplo, sempre a entenderam como uma propensão para sonharmos acordados, como um alimento de falsas expectativas e ambições irrealistas, uma mentira mascarada de verdade que nos conduz a desilusões maiores. É verdade: a esperança distorce a realidade e impede que aquilo que é verdadeiramente mau e horrível se sobreponha ao que há de melhor e mais bonito.

Porém, e mesmo assim, mesmo sabendo que a esperança pode ser uma dolosa suave mentira, reconheço que ela é das poucas coisas capazes de fornecer um fim agradável e um sentido à vida. Sim, sei que o copo está meio vazio; mas eu gosto de o ver como estando meio cheio. No entanto, é uma opção.

O problema é que para os optimistas doentios isso não acontece. Para eles a questão de o copo estar meio cheio ou meio vazio nem se coloca: o copo está

sempre cheio – ponto e não se fala mais nisso. Experimentem dizer o contrário, ensaiar uma crítica ou apontar um defeito, e verão o que vos acontece: rapidamente serão acusados, por um *Cândido* qualquer, de serem “pobres e mal agradecidos”, “uns meninos mimados que não sabem dar valor ao que têm”, em suma, um “bando de ingratos” que desdenham do facto de viverem no “melhor dos mundos possíveis”.

Os optimistas doentios são, por tudo isto, uns castradores, uma espécie de novos pequenos ditadores, que impedem e inibem o aparecimento e o desenvolvimento de qualquer manifestação de espírito crítico. Impõem o “tens de ver as coisas sempre pela positiva” sem qualquer respeito pelo certo e o errado, e pôr em causa, seja o que for, está para eles absolutamente fora de questão.

Qual directiva da Europa comunitária, o optimismo doentio tende a normalizar o pensamento e impor como única realidade a aceitação sem questionar. Para os seus seguidores está sempre tudo bem: perdeste um braço? Tiveste sorte, podias ter perdido os dois. Morreu-te um primo? Podia ter-te morrido uma tia também. Perdeste a casa num terramoto e estás alojado numa tenda? Encara isso como estado a passar férias num parque de campismo. Levaste quatro tiros no carro a caminho para o trabalho? Sim, mas vives num país que é lindo e maravilhoso, e as pessoas são fantásticas. Para um optimista doentio, e por muito mal que possamos estar, ainda poderíamos estar pior. E assim sendo, só temos de nos dar por felizes e satisfeitos.

A questão é que eu gosto de ver as coisas pelo lado bom, mas odeio ser obrigado a isso. Quero poder ficar triste, deprimido e continuar a criticar tudo e todos, se for caso disso. Por essa razão estou aqui a reivindicar o meu direito à lucidez, aos meus quinze minutos de realidade, mesmo que a seguir me vá perder em falsas expectativas. Assim, peço a todos os optimistas doentios que me poupem aos “és muito negativo” e aos “só sabes dizer mal”, tal como eu prometo poupá-los por pensarem que ser “positivista” equivale a ver as coisas pela positiva, numa total manifestação de ignorância pelo significado da palavra.

E agora que fiz a vontade ao dedo e o gosto à alma, vou encher-me de falsas esperanças e voltar a telefonar-te. Posso?

aminhamaodireita.blogspot.com

HOLY GHOST

Quinta 21

PINKBOY

Quinta 21

MSTRKRFT

Quinta 21

PHOTONZ

Sexta 22

***Capítulo anterior: O quotidiano de Zé Miguel: o que se passa na cabeça do herói. / A caminho do trabalho, encontra o Pedro e conta-lhe que foi convidado pelo Nuno Paz para tocar com ele no Lounge. / Pedro acompanha-o à Capela, onde aparece a Adriana. / Falam do Sónar e convidam o Zé Miguel para ir com eles. (o capítulo anterior pode ser lido em blog.luxfragil.com)***

# O Outro

*Folhetim de Maria Antónia Oliveira & António Nêu*

## Capítulo VIII “Run away”

— Ó amor, devias deixar isso da noite. É uma canseira e não dá nada, não ganhas dinheiro de jeito... E eu também não estou nada bem lá na loja! Tenho andado a pensar num negócio... que tem a ver com a moda...

Carina, em pé, desapertava o strap-on Heart Fetish Fantasy. Enquanto lavava carinhosamente o dildo, na casa de banho, continuou:

— Sabes, estive a pensar em montar um negócio de unhas de gel. Aqui no Bairro Alto era o ideal!

Voltou ao quarto e lançou os braços em volta de Zé Miguel, que fumava um cigarro, exausto.

— É só preciso uma banquinha e um aparelho... um kit! Sei de um a venda por 120 euros. E dão o curso de iniciação!

Péun péun tum tum tum
Sometimes I feel I've got to Run away
I've got to Get away
From the pain you drive into the heart of me
tum tum tum
tum o que é que ela está pra aqui a dizer?
Hei-de pôr esta no set?
tum tum tum
tum Once I ran to you
Now I'll run from you...
Unhas de gel? Ela disse unhas de gel?

— Zé Miguel!! Não estás a ouvir o que eu te digo? Onde é que vais?

— Carina, tenho mais em que pensar! Ou já te esqueceste que vou pôr música logo à noite? Unhas de gel? Não sejas tosca! Achas que aqui alguém usa disso? Onde é que eu pus a merda do CD?...

— Ó fofo, não estejas nervoso! Eles vão adorar! E eu vou lá dar-te uma forcinha! Já combinel com a Cati.

— Ai ela também vai?! Hum... Ouve lá isto. Achas que esta música é muito gay?

Pfff... sabe lá ela. Unhas de gel... pfff. Ela sabe é de dar fodas, tum tum tum
tum I give you all a boy could give you
Take my tears and that's not nearly aaaalllll
— ooo-hooohoooh Tainted love péun péun
Tainted love tum tum tum
tum sim, acho que esta fica bem, gosto do tum tum tum.

De olhos fechados, Zé Miguel dançava todo nu no meio do quarto. Quando a música acabou e abriu os olhos, viu, em primeiro lugar, à porta, a Tânia, ainda de mochila às costas. Atrás dela, a espreitar e a rir-se, estava o Bernardo.

— Tânia!!! Desculpa, não te ouvi entrar! — Pudera! Com esta música cheesy aos berros! Ouve-se na rua, Zé Miguel! Até pões o travesti a dançar! É isto que ouves no Finalmente? Ihihih! Então, estás bom? Dá cá um beijo! Mas veste-te primeiro, que temos visitas.

Xii, agora chego esta! Ganda merda! As calças... onde estão as calças? E a Carina, onde é que ela se meteu?

— Tânia, there's a naked girl in the kitchen!

dreira, não consigo ter nada no estômago. As pastilhas agora andam todas maradas! — Tu não me digas! E agora? — Agora tocas tu. Já falei lá para o Lounge e eles já sabem. Não te preocupes, vai correr tudo bem! E olha... vai em frente e não te rales muito com as passagens...

Desligou! Estou feito. Ai minha mãezinha! Eu sozinho? Estou fodido. O melhor é nem dizer nada a estes... Vinham-me já com o pensamento positivo... estou fodido! Ainda bem que trouxe os discos todos!... Cinco horas... sozinho! Estou feito. E as passagens? Bem, vamos lá a isto! Ai que dor de barriga! Hummm...vou começar com aquela que a Adriana me aconselhou – aquela com que o Joakim começou no Sónar à tarde... Boa, é isso mesmo. O gajo que grita muito Pom pom pom pompompompom pom pom I put a spell on you Because you're mine Não teve tempo para ir à casa de banho, nem para responder à Carina, ao balcão com a amiga. Não teve tempo para pensar. Já não dava tempo.

Pom pom pom pompompompom pom pom I love you I love you anyhow
And I don't care if you don't want me
I'm yours right now pom pom pom pom – pom pom
I put a spell on you pom pom pom pom
Because you're mine
miine miiiiine uh oh
you're mine. Esta foi boa. E a próxima ainda vai ser melhor! Vão ver! Eia tanto botão! É fascinante: tanto botão e eles sabem mexer em todos! A ver se não me engano...

O Lounge estava cheio. Eram as férias da Páscoa. Uns erasmus acotovelavam-se ao balcão, treinando o português e pedindo mais cervejas do que as que conseguiam suportar. A Carina bamboleava-se diante da mesa do DJ, com a amiga, fazendo-se muito disponível para o mundo, lançando em redor uns olhares amanteigados. Zé Miguel olhou-as sobressaltado.

Bem, tenho que me concentrar. Onde é que andará a Tânia e os outros? O Pedro disse que vinha... Bem, não está a correr mal. “Small Town Boy”? Hummm, acho que sim. Afinal é o que eu sou! Tch tch tch tch
Mother will never understand
Why you had to leave
Tch tch tch tch Run away, turn away, run away, turn away, run away péun péun péun. E agora? Tenho dois minutos, qual é que é aquela faixa? A terceira? Costuma ser a número oito... Um minuto e vinte e cinco!... Não é esta. A quinta? Cinquenta e quatro segundos, depressa depressa. Foda-se, também não. Ah, é isto mesmo, tum tum tum, mais para a frente tum tum tchk tchk tchk. Boa, boa! Sete segundos já não dá!!! Que se foda, vai à electroclash! Olhou para a pista. A pista olhou para ele. Houve um silêncio, num décimo de segundo. A música disparou e a pista levantou os braços. Sentiu-se o frémito da dança. Ao fundo grunhiram, em aplauso. Zé Miguel levou a mão ao bolso, tirou um cigarro e acendeu-o – o primeiro desde que tinha chegado.

Sentiu bater no vidro, atrás de si. Era a Tânia, a fazer umas sinalefas de apoio, e a apontar para a carrinha, estacionada no beco. Zé Miguel acenou e riu. E seguiu o olhar trocista dela, para dentro da sala: mesmo em frente dele, a Carina, langorosa, encaixava o rabinho na zona pública da Jimmy, que arredondava os olhos para o céu. Mas, no caso, o céu não era o limite: era mesmo ali, na pista da dança.

— Eia, man! Isto está animado! Estás sozinho?

— Espera, espera, estou aqui a fazer uma passagem! — E já fazes passagens e tudo!? Era a hora do Pedro descer da Bica. Atrás dele, sorrindo, a Adriana. — Pede-me um vodka com maçã, diz que é para mim. Ainda não consegui sair daqui um minuto!

Mergulhou novamente na profusão de CDs e vinis espalhados.

Esta, esta! Isto agora vai ter de bombar! A Adriana... trinta e oito segundos, play: tum tah tum tah tum tah
Joy jooooooooooooooooy
I don't wanna play your game
Joy & pain
You think it's all the same
I don't wanna play your game
Of joy & pain
tum tum tah tum tah
Eia, entrou mesmo bem!

Perto das quatro da manhã, o Lounge estava à pinha. O set tinha sido um êxito e Zé Miguel nem sabia bem como. A Adriana poderosa o sobrepu-se-lhe e uma voz feminina desdenhosa: Why don't we...

— Olá! Muito bem, muito bem! Estou farta de dançar!

— Oi! Olha, e comecei com aquela que me deste, sabes?

— Então vais acabar com esta! Liga aí o meu i-pod. É MP3 mas está a 320. Andá! É música de quando tu nasceste!

Zé Miguel obedeceu. Ouvia um teclado, um baixo poderoso a sobrepu-se-lhe e uma voz feminina desdenhosa: Why don't we...

Why don't we... Why don't we...Take me away
Release me from the cage
Free me from the pain
And let me feel no shame. A canção falava da dor, da libertação, da vergonha e da fuga. Deitou um olhar desconfiado e fugaz à Adriana. Let's go free... yeah Let's go free... yeah Runaway.

Era o final. Zé Miguel estava exausto e feliz.

— Ó puto, estiveste bem! Conseguiste agarrar a pista! Curti muito o começo, com o Screamin' Jay Hawkins! I put a spell on you... Sim senhor, tu fazes-te! — Conheces o Francisco Peres? Trabalha no Lux. Esteve a dizer-me muito bem do teu set! — disse a Adriana.

Zé Miguel estremeceu. E resolveu estar à altura:

— Eu, como DJ, desenvolvo uma tendência natural para o inclassificável.

— Pois. Temos de falar. Se calhar era giro ires lá tocar um dia... lá para Agosto...

Temos uma rubrica que é o Lugar aos Novos...

— Há? Era óptimo! Eu não sei... Eu gosto muito... Conheces o...

A Adriana acudiu:

— Quem é que está a tocar lá hoje? Embora lá, Zé Miguel, eu dou-vois boleia. Arruma os discos, despacha-te.

Zé Miguel despachou-se.

Isto correu mesmo muiita bem! Tenho de contar ao Nuno. No fundo, até tenho sorte! Tocar no Lux! Não acredito! Ele estará a gozar comigo?

— Zé Miguel, onde é que vais? Eu vou para casa com a Cati...

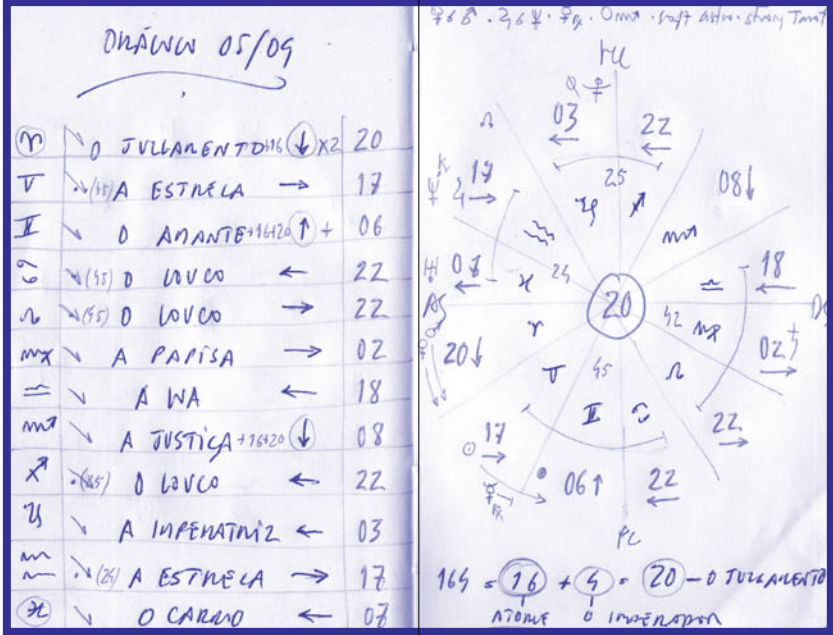
— E eu importado.

(Continua)
sindicato.biz

# ORÁCULO 05/09

“35T3 T3XTO 1N1C1AL 53RV3 4P3N45 P4R4 M05TR4R COMO 4 N0554 C4B3C4 CONS3GU3 F4Z3R C01545 1MPR3551ON4ANT35. R3P4R4 N15TO: N0 COM3O 35T4V4 M310 COMPLIC4D0, M45 N35T4 L1NH4 4 TU4 M3NT3 V41 D3C1FR4ND0 O COD1GO QU453 4UTOM4T1C4M3NT3, S3M PR3C1S4R D3 P3N54R MUITO, C3RTO? P0D35 F1C4R B3M ORGULHO50 D1550, 4 TU4 C4P4CID4D3 M3R3C3!”

*Pronto, e é assim com tudo. Mente aguda, coração aberto, alma desperta. Bom humor, confiança, e aventura. Go.*



**20 - C4RN31R0**  
*21 Março a 20 Abril*

Deixa-me repetir o que disse no mês passado: “Se queres novos resultados há que assumir novas atitudes”. É que te sai exactamente a mesma carta, e na mesma posição. O que quer dizer que é mesmo para A ouvires, amigo. Lembras-te de qual é o teu arquétipo? Pois, é o Guerreiro Sagrado. Aquele que, acima de tudo, serve a sua Alma ou o que lhe quiseres chamar. O que não se esquia a fazer balanços. A pôr as coisas em causa. A mudar o necessário para servir o seu objectivo luminoso. Que é ser o melhor de si próprio. Por teu set! – disse a Adriana. Zé Miguel estremeceu. E resolveu estar à altura:

**22 - C4R4NGU3J0**  
*21 Junho a 21 Julho*

Eis o teu *mantra* do mês: “Agora vou descondicionar-me do passado”.

Suponho que fechaste para balanço em Abril, pelo menos um pouquinho. Que reflectiste e que te actualizaste, o que significa: que acertaste o passo com a nova pessoa em que todos os dias te vais tornando, porque sabes bem que não somos sempre a mesma coisa. Portanto, hoje és diferente de ontem. E isso conta muito, porque hás-de querer outras coisas. E para isso... ganhas em descondicionares-te do passado. Mas não vale deitar fora o bebé com a água do banho. Trata-se de olhar para dentro e limpar referências, tiques, ideias, hábitos ou *moods* que já não te correspondam, com os quais já não te sintas bem. É isso. Está atento. E vais ver que tudo muda.

**17 - TOURO**  
*21 Abril a 20 Maio*

Eia, que bem encaminhado estás...

É muito bom poder sentir essa tua paz, confiança, solidez... Poder dizer-te que tens chão suficiente para arriscares seguir a tua Estrela, que ela brilha mais para ti agora, que os teus sonhos serão realidade, que estás no bom caminho... É muito bom poder trazer-te oferendas, como por exemplo alegrias simples, inspirações poéticas, novas rotas que se abrem para não mais se fecharem... E mesmo se a vida andar tipo montanha russa, fica tranquilo: Tens um oásis na mão, e não é miragem.

**22 - L340**  
*22 Julho a 22 Agosto*

Ao contrário dos teus vizinhos Caranguejo, já não tens que te descondicionar de porra nenhuma. Em princípio já libertaste alguma carga o mês passado. Portanto, full steam ahead! É como se estivesses à frente de

uma mesa de banquete e te dissessem que podes provar tudo o que quiseres. És livre. Partindo do princípio que não és um puto imaturo, claro. Portanto, ousa. Não, não te vai fazer mal. Há momentos para tudo. E este mês é de ousadia, de liberdade, de aventura. De descoberta e revelação do que agora queres ser, fazer, viver. Queres mais?

**02 - V1RG3M**  
*23 Agosto a 22 Setembro*

Pois estou mesmo numa de arquétipos. A ti toca-te o da “Grande Mãe”. Pas mal... Sugere coisas como maturidade, sabedoria, experiência, compreensão, discrição. Uma pessoa inspirada por esta imagem dá-se inteiramente, não pede retorno, é incondicional porque conhece o grande amor, o poder do que nos move. Uma pessoa assim não julga e não teme, mais sim nutre e inspira. Enfim, o que te quero dizer é que esta energia feminina é poderosa, sejas tu homem ou mulher, e traz sempre resultados, até no plano concreto – É que aqui na Terra também germina o que é semeado, e também retorna a nós tudo o que damos. Portanto, imagina, concebe, alimenta e dá, dá à discrição. E sobre tempo, tempo vem. Nada de pressas. Frutos virão.

**18 - B4L4NÇ4**  
*23 Setembro a 22 Outubro*

Ah, é tão bom voltar a casa! Isso acontece mais ou menos todos os dias, mas agora é o momento de fruíres o melhor do teu ninho, da tua tribo, do conforto, da intimidade... Olhar à volta e agradecer o que te rodeia, imaginar o impossível, pintar um quadro, sonhar alto, escrever um livro, sentir o mistério que há em ti, mergulhar nele, dar voz ao desconhecido, amar todas as mulheres do mundo, brincar como quando eras pequeno... É o teu mês da Lua, magnética, sensível, emotiva. Mas só um aparte: Inspirado si, aluado não. Amante sim, inconstante não. *Have fun*.

**08 - 35CORP140**  
*23 Outubro a 21 Novembro*

Tu és tão tão dramático que não se pode! É que a vida até está a andar bem, mesmo que possas ter atraído uns grãozitos de areia na engrenagem... enfim, nada de novo, é com certeza para te divertires, para sentires que estás vivo, *as usual*! No entanto, imagino que queiras paz e alegria, como o comum dos mortais. Portanto concentra-te no Equilíbrio. A tarefa mais importante deste mês é equilibrares os pratos da balança entre a tua vida interior e exterior. Como sempre, viverás cá fora na correspondência exacta do que se passa no teu íntimo. Portanto é porreiro concentrar-te em te encarasares a ti, e à vida, de uma forma lúcida, honesta, transparente. Esquece o Reino das Trevas. A Luz serve-te melhor. Vê claro. E equilibra.

**22 - 54G1T4R10**  
*22 Novembro a 21 Dezembro*

Querido arqueiro, lê o texto do Caranguejo, ok? É que apesar de

seres bem diferente dele, a mensagem é exactamente a mesma, e já não tenho mais espaço na página : ) Ah, e boas caçadas!

**03 - C4PR1CORN1O**  
*22 Dezembro a 20 Janeiro*

Agora é que está na hora de imaginares um projecto. De, internamente, começares a criar, projectar e planear o teu próximo passo importante. Tens *q.b.* de estrutura, inteligência e energia para isso. Tenho a certeza que os próximos meses serão de desenvolvimento do que agora idealizares. Para criares um projecto não precisas de prudência, defesas, ou contenções. Vá lá, pelo menos agora não. Aliás, nada na Natureza vive a economizar-se: olha, se uma estrela não brilhasse porque se gastava, um animal não corresse porque se cansava, uma flor não desabrochasse porque morria, e o Sol não ardesse porque podia vir aí a ldade do Gelo e era melhor poupar energia. Got it? Just do it.

**17 - 4QU4R10**  
*21 Janeiro a 19 Fevereiro*

Ter ideais é bom, respirar fundo também, até porque imagino que te apeteça, depois do mês passado. Mas se não tivesses havido esse período de desafios, descoberta interior, e limpeza exterior, não estarias pronto para receberes o que agora vem: “Stars shining bright above you...” \*\* . Pois é. Este mês tens a tua Estrela a brilhar bem alto, a proteger-te, a orientar-te, a inspirar-te. Segue-a. Nada mais no mundo te dará garantias, só ela. E verás que vale a pena seguir sem medo o teu sonho. O medo atrai mais do mesmo. E o espírito positivo também. *You choose*. Agora conta mas é com tudo de bom, com aquelas coisas banais mas preciosas, como saúde, confiança, sorte, dinheiro, paz e amor. *Too much* Pois é mesmo assim, acredita.

**07 - P31X35**  
*20 Fevereiro a 20 Março*

N4o p3ns3s qu3 3sc0lh0 4zucr1n4r-t3 4 c4b3ç4 tod0s 0s m3s3s c0m 4 m3sm4 m3ns4g3m d1t4 d3 f0rm45 d1f3r3nt3s. Sã0 m3sm0 4s c4rt45 qu3 t3 s43m, p0d35 cr3r! Era este o início do texto do mês passado, estava escrito normalmente e agora não está porque as tuas cartas fartam e decidi divertir-me, é que repete-se *ad eternum*, sempre um enorme potencial, e quero poder dizer-te outras coisas mas sai sempre esta mensagem de estado de graça, tipo *ongoing* orgasmo tântrico... Porramente!, já disse que és um Ferrari, que está na hora, blá blá blá... Vem-te lá, carasas!... Ok, excedi-me, sorry... Vai então a *blog.luxfragil.com* ler o texto “razoável” no jornal de Abril e esquece este. A não ser que queiras mesmo arrancar agora e ser o tal Ferrari : )

\* Adaptação de texto recebido por email, de Suzana Pe-trizzi.
\*\* In “Dream a Little Dream of Me”, standard cantado há anos por gente bem-disposta.

### DEXTER

Sexta 22

### TIAGO & DJ AL SLIGHT DELAY

Sábado 23

### RUI VARGAS & ZÉ PEDRO MOURA

Sábado 23

### HUGO VAN DYCK

Sexta 29

### XINOBI

Sexta 29

# Lost in music

*“Para quem gosta de música, trabalhar numa loja de discos na qual se possa controlar o critério equivale a um portal aberto para a felicidade”, declara quem está atrás do balcão da Flur, a loja de discos aberta desde 2001, em Santa Apolónia, junto ao Lux e Bica do Sapato. A 19 de Abril celebraram o Record Store Day.*

**Este Record Store Day existe desde 2007 em defesa da “existência de lojas físicas que vendem predominantemente discos mas, sobretudo, para celebrar toda a cultura associada a esses espaços onde se vive, respira, troca, vende e compra música e experiências a ela associadas.” Para além de um feliz programa de festas, o staff da Flur elaborou ainda um questionário sobre discos e reuniu dezenas de respostas, de amigos-clientes-e-cúmplices, numa “pequena tentativa de Recenseamento 2009 no capítulo da relação que se tem com discos”. Eis as respostas dos nossos DJs residentes. Há muito mais em <http://blog.flur.pt>**

## dexter

**01** — Test Department “The Unacceptable Face Of Freedom” (Some Bizzare, 1986). Representou na altura um romper com uma série de coisas que estavam à minha volta. Umas ligadas à música, outras não... Hoje não o consigo ouvir. Envelheceu mal.  
**02** — “I Put A Spell On You”, Nina Simone (Philips, 1965). É uma obra-prima de Nina Simone. Desde o primeiro dia que o ouvi, nunca mais me separei dele e irá acompanhar-me para sempre.  
**03** — Os álbuns dos Coldplay, “Guilty” da Barbra Streisand e algumas canções do Elton John...  
**04** — Qualquer uma do Peter Saville, qualquer uma dos Smiths, qualquer uma dos Roxy Music ou qualquer uma assinada pela extinta Designers Republic. Ultimamente, adoro as capas da OstGut Ton.  
**05** — Vinil. Pelo objecto, pelas capas e pela qualidade do som (por enquanto...).  
**06** — Joy Division, “Closer” (Factory, 1980) , na loja de discos Mozart, em Castelo Branco.  
**07** — Moondog, “The Story Of Moondog” (Honest Jons, 2009).  
**08** — Âme, “Setsa” (Innervisions, 2009), Junior Boys, “Begone Dull Care” (Domino, 2009) e Bat For Lashes, “Two Suns” (Parlophone, 2009)  
**09** — Nina Simone e Carl Craig.  
**10** — Nenhum.  
**11** — Continuar a aprender a fazer mais e melhor.

## LEONALDO DE ALMEIDA

**01** — Se foram importantes, vão continuar a ser, o pior que pode acontecer é não me lembrar deles.  
**02** — Dr. John, “The Night Tripper” (GRIS-GRIS, 1968), uma redescoberta genial e

actual.

**03** — Oasis “(What’s the Story) Morning Glory”, pelo menos cá na nossa terrinha.  
**04** — Tantas! Mas aí vão duas. “David Live” (David Bowie), “Power Corruption & Lies” (New Order).  
**05** — Neste momento mais CDs, pelo som, pela arrumação e por preguiça.  
**06** — “For Sale” (Beatles). Discoteca Roma, Av. De Roma.  
**07** — Morrissey “Years Of Refusal”.  
**08** — Todos os que me apetecer.  
**09** — David Bowie.  
**10** — David Bowie, David Byrne, David Sylvian e Morrissey e Bryan Ferry e... e... e...ytt  
**11** — Continuar a pôr música no Lux e voltar a pintar.

## NUNO ROSA

**01** — Não tenho. Todos os discos que foram muito importantes continuam a ser importantes para mim, nem que seja pelo facto de terem sido muito importantes algures na minha vida. Logo, são especiais e merecem o meu carinho.  
**02** — Ainda não existe. Para já ainda está na minha e na cabeça de mais algumas pessoas...  
**03** — Se forem os meus amigos diria, por exemplo, Lionel Richie, “All Night Long”. Se for realmente o resto do mundo, talvez “Space Woman” dos Venus Gang.  
**04** — Favorita não tenho, são milhares de capas geniais. Mas sempre gostei muito (sei que vai soar a cliché) da capa do “Unknown Pleasures” pela simplicidade e força que tem. Mas é uma entre muitas e variadas.  
**05** — Mais vinil porque já não tenho prateleiras para os arrumar...  
**06** — O primeiro que eu pedi para me comprarem foi a banda sonora do “Beat Street” e recordo-me que foi numa loja de electrodomésticos que também vendia vinis e cassetes. O primeiro que comprei com o meu dinheiro foi Siouxsie and the Banshees, “Peel Sessions” na extinta Tubitek, no Porto.  
**07** — Yarbrough & Peoples, “Heartbeats”.  
**08** — Ainda não saiu...  
**09** — Hum... é difícil dizer...  
**10** — Neste momento não tenho nenhuma fixação, mas adorava ter toda a discografia em vinil dos Bauhaus pela música e pelas capas.  
**11** — Acabar a gravação e produção de algumas bandas, acabar algumas remixes e originais meus e pôr de pé um pequeno cavalo de Tróia...

## RUI VARGAS

**01** — Cocteau Twins, “Treasure”. Porque com a idade fui ganhando aversão ao

**01** — Um disco que tenha sido muito importante (e já não seja) + razão.  
**02** — Um disco que seja muito importante agora + razão.  
**03** — Um disco irresistível mas que o resto do mundo acha que é mau.  
**04** — Uma capa de disco favorita.  
**05** — Mais CD ou mais vinil? Porquê?  
**06** — Qual o primeiro disco que se lembra de comprar e onde foi?  
**07** — Qual o último disco que comprou?  
**08** — Qual o disco que irá comprar de certeza, em 2009?  
**09** — Qual é o artista mais representado na colecção?  
**10** — De que artista tenta comprar todos os discos, bons e maus?  
**11** — Que projectos tem em mãos actualmente?

*\*questionário Flur/Record Store Day*

Barroco.

**02** — Esta semana, “In For The Kill (Skream’s Let’s Get Ravey Mix)”, de La Roux, porque não me sai da cabeça.  
**03** — Chaka Khan, “I Know You, I Love You”.  
**04** — —  
**05** — “I love the smell of Vinyl in the morning”.  
**06** — Primeiro álbum: Ian Dury & The Blockheads, “New Boots And Panties!!” comprado na Compasso, Campo de Ourique.  
**07** — CD: “Grandfather Paradox”; Maxis: muitos e bons.  
**08** — Álbum dos Rub N Tug.  
**09** — Talvez Carl Craig.  
**10** — Moodymann.  
**11** — Dormir.

## TIAGO MIRANDA

**1** — Todos os que gravei, porque já estão gravados.  
**2** — Bobby Beausoleil “Lucifer Rising”. Porque Ele está a chegar.  
**3** — The Shaggs “Philosophy of the World” (RCA Victor).  
**4** — Os Loosers, “Natives are Restless” (Qbico).  
**5** — Vinil. Porque gosto mais.  
**6** — The Tubes, em Braga.  
**7** — Dynasty “Gotta Jack” (P.C. Records).  
**8** — Ainda com algumas dúvidas.  
**9** — Sun Ra.  
**10** — Boney M.  
**11** — Uma linda mulher a manter + Uma questão familiar a resolver.

## YEN SUNG

**1** — Não me lembro.  
**2** — São demais para enumerar (nunca há só um).  
**3** — “Africa” dos Toto.  
**4** — “What’s Going On”, Marvin Gaye.  
**5** — Muito mais vinil! Porque gosto do objecto e do conteúdo. O CD é mau para o planeta, apesar de ser prático.  
**6** — “Thriller”, Michael Jackson. Pedi ao meu tio para me trazer o vinil da Suíça.  
**7** — “It’s You”, E.S.P.  
**8** — Um qualquer do Stravinsky.  
**9** — Moodymann.  
**10** — Sade.  
**11** — Fazer bandas sonoras para curtas-metragens e trabalhar com uma cantora de jazz.

## ZÉ PEDRO MOURA

**1** — “Dog Man Star” dos Suede. Consumi até à exaustão (músicas, capas,

entrevistas, líricas...), ficaram demasiado colados a um período... dito isto, o Nanau tocou-os no bar no último sábado e soaram melhor do que o meu registo em back-up. Ainda assim os discos continuam bem sossegados nos armários (talvez daqui a 10 anos...).  
**02** — Acabam por ser importantes já há algum tempo... nunca ficam longe muito tempo: “My Life in the Bush of Ghosts” (fazer música a partir dos outros, sem soar tudo a samplers), Steve Reich, “Phases” e Aaron Copland - os dois pop fora da pop.  
**03** — Patrick Hernandez, “Born to be Alive”  
**04** — Hoje podem ser... Skream! (3 x LP Tempa), “Take Pills”, 7” Panda Bear.  
**05** — Vinil. Tudo no CD é mínimo (o som, a capa, os textos...)... Além disso, eu e as caixas de plástico temos um velho problema sem solução. Os vinis colecionam-se, os CDs usam-se.  
**06** — “Absolutely” dos Madness e o “Wild Planet”, The B-52’s. Os dois no mesmo dia na Compasso, em Campo de Ourique.  
**07** — Cornelius, “Sensuous” CD+DVD.  
**08** — Este ano não há certezas.  
**09** — Basement Jaxx & Brian Eno.  
**10** — Já fiz muito isso, agora não.  
**11** — Como D. Sebastião do nevoeiro... o álbum novo dos Pop Dell’Arte (...what else?..)

# LuxFrágil

Nº 08 / Maio 2009

*Direcção:* Manuel Reis

*Sede:* Av. Infante D. Henrique, Armazém A, Cais da Pedra a Sta. Apolónia, 1950 – 376 Lisboa  
T. 218820890 / F. 218820899  
[blog.luxfragil.com](http://blog.luxfragil.com)  
[luxfragil.com](http://luxfragil.com) / [lux@luxfragil.com](mailto:lux@luxfragil.com)

*Textos de:* Anamar, Artur Soares da Silva, Fernando Fernandes, Hugo Gonçalves, Isilda Sanches, João Botelho, Joaquim António Rocha, Maria Antónia Oliveira e António Néu, Pedro Gomes, Pedro Pires, Quim Albergaria, Ricardo Henriques, Susana Pomba, Tiago Manaia e Zé Pedro Moura.

*Editados por:* Pedro Fradique e Fernando Nunes.

*Design gráfico:* Diogo Potes – Alva Design Studio

*Capa:* Ana Vidigal

*Revisão:* Marta Martins

*Impressão:* M2

*Tiragem média:* 7 000 ex.

**THEO PARISH**

Sexta 29

**ROKIA TRAORÉ** CONCERTO  
Quinta 28

**ZÉ PEDRO MOURA & JOAO PESTE**  
Sábado 30